

## GERAIS

Localizados dentro das cotas de 900 e 1 300 metros de altitude, no planalto baiano que se aloja entre as arestas da Chapada Diamantina, os Gerais da Bahia são, em rigor, largos campos de cima da serra

Frescos, sobretudo pela manhã, quando a temperatura desce a 8 e a 6 graus centígrados; bem regados e com horizonte amplo, barrado, ao longe, por elevações que chegam a superar os 1 500 metros, os Gerais da Bahia possuem solo pouco espesso, de pedregulhos ou mesmo rochoso

Os Gerais são dominados, à distância, pelas cristas e elevações quartzíticas do algonquiano

Sobre os planaltos e elevações relativamente mais baixas, no rumo leste, assentam os detritos do quartzo sobre gnaíse e outras rochas cristalinas

Para oeste, estendem-se as chapadas e elevações chistosas e calcáreas, a que corresponde uma formação superficial de composição naturalmente diversa

Num solo, assim variado, mas, em sua maior parte, arenoso e permeável dentro de uma enorme zona limitada pelos paralelos 10° e 14° sul, e pelos meridianos 42° e 40° W de Greenwich, aproximadamente, distribuem-se, então, os Gerais da Bahia e, mais para o sul, os chamados campos de Minas-Gerais

Forrados de gramíneas constituindo, por vêzes, ótimas pastagens perenemente providas de boa água, os Gerais — sob o ponto de vista fitogeográfico — além da vestimenta geral das gramíneas, contêm ciperáceas e certos gêneros de velosiáceas e, nêles, o mato arbustivo apenas reveste as depressões gameliformes características do modelado

Nos referidos platôs abaulados, entre serras, que, na verdade, são denominações locais das arestas da Diamantina, tais campos apresentam-se, caracteristicamente, com vegetação de altitude, quer seja essa vegetação de capim, macegã, quase desprovida de árvores, nos pontos mais elevados, quer pertença à flora *Velozia-Lichnophora-Eriocaulon-Vochsia*, esta correspondendo aos lugares situados logo abaixo dos primeiros

No último caso — a prevalecer a conclusão de PHILIPP VON LUETZELBURG — trata-se de um tipo especial de carrasco, que, para o sertanejo nordestino, é, em sentido amplo, uma flora comum nas regiões montanhosas. Aparentado com o agreste, o carrasco difere dêsse, pelo crescimento escasso e raquítico da vegetação lenhosa e, também, pelo seu solo pedregoso embora coberto por diminuta camada humosa

Os Gerais seriam, então, um tipo peculiar de carrasco sem conter representantes da flora geral dêsse, todavia

Num mais amplo sentido, o popular, o termo Gerais abarca uma área ainda maior do que a já anteriormente indicada

Aplica-se, dêsse modo, com indiferença, a diversas outras vegetações, também de caráter uniforme e constante, mas que botânica e fitogeograficamente não passam de caatinga, ou de alguma de suas inúmeras modalidades; ou, então, de agreste, campinas, e, até, de palmares

Tem o termo, todavia, uma significação topográfica, também

Nesse sentido, significa planaltos abertos entre as "serras", segundo elucidou-me a professora baiana Dona HELENA LIMA SANTOS, de Caetitê, e conforme acentuou o geógrafo alemão, OTTO QUELLE, da Universidade de Bonn, em seu Relatório das viagens de estudo na Bahia: "Os vastos altiplanos da região oriental da serra Central são denominados Gerais na Bahia", frisando em outra passagem de seu Relatório — "Gerais é que os baianos costumam chamar êsses altiplanos sem mata"

Fora da região típica, — região serrana central da Bahia — a terminologia popular parece preferir o emprêgo do termo Gerais na acepção quase puramente topográfica, desprezando seus variados facies, elementos indispensáveis à elaboração da sistemática sociológica vegetal

Aliás, essa é a conclusão a que já têm chegado eminentes botânicos e fitogeógrafos, após cuidadosa investigação científica realizada sobre o terreno e, outrotanto, no interior dos laboratórios de institutos especializados

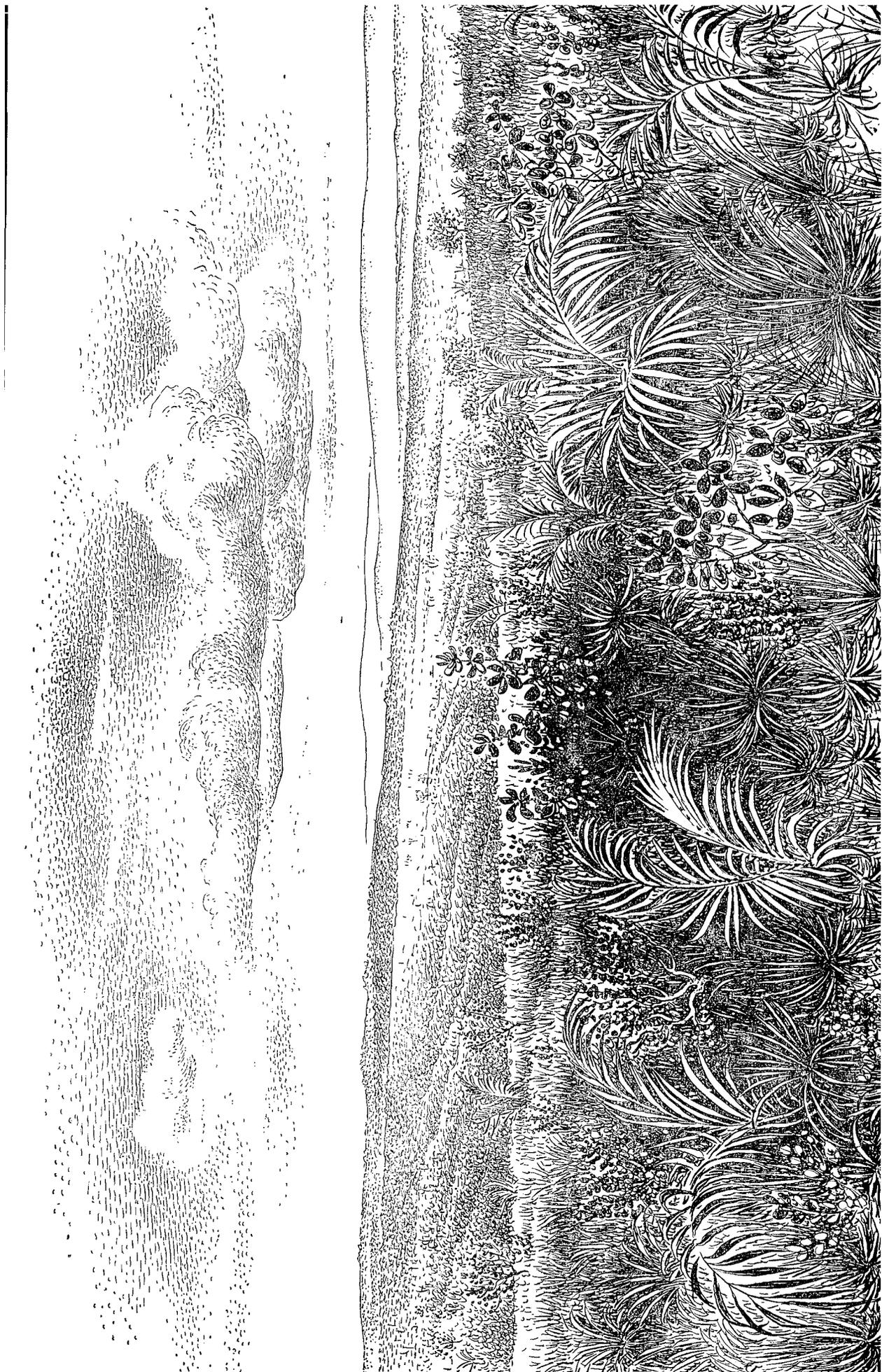
Para o esclarecimento dos complicados aspectos com que se apresenta a vegetação particularmente no Nordeste, muito tem concorrido a gigantesca empresa da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, enviando, por exemplo, o botânico e fitogeógrafo PHILIPP VON LUETZELBURG, ao interior dos Estados nordestinos e do da Bahia, com a tarefa de realizar, localmente, observações e estudos de sua especialidade

Após várias viagens, conseguiu LUETZELBURG, colecionar enorme quantidade de exemplares de plantas pertencentes a várias famílias e espécies, algumas desconhecidas e de tão difícil classificação, que exigiram, para êste último fim, a colaboração preciosa de cerca de cinquenta especialistas mundiais na matéria

O público, com efeito, nem sempre considera, em primeiro plano, a estrutura do revestimento vegetal, e nem mesmo êste, quando sente a necessidade de enriquecer a sua terminologia empírica com novas e imprescindíveis denominações

Em tais emergências, emprega termos visando quase somente a significação topográfica

Elucidação dêsse hábito negligente pode ser obtida em várias passagens da obra escrita por LUETZELBURG, numa das quais, esclareceu o botânico, em certa oportunidade, ao tratar de sua viagem ao ocidente do território baiano: "A denominação de chapada, é dada ali a um planalto elevado, não se tomando em consideração a sua vegetação"



Por outro lado, já acentuara MORRIS DAVIS, certa vez, a causa de inúmeras dúvidas que, inexoravelmente, em outras plagas, costumam aparecer dificultando o trabalho dos geógrafos: "os fatos da geografia, e sobretudo da geomorfologia, não são, como os fatos da estrutura microscópica dos seres vivos e das rochas, propriedade exclusiva do mundo científico, mas sim propriedade de todo o mundo em sua maior parte. Por conseguinte, a geografia herdou a maioria de seus termos da língua popular de cada país; os termos geográficos não são, em geral, senão palavras de uso ordinário, sem definição exata"

É o que sucede entre nós, no caso vertente, com o termo Gerais, que, além de significado diverso e confuso, tem larga aplicação fora da zona aqui estabelecida, tanto no ocidente e sul do território baiano como em certos pontos do interior propriamente nordestino, isto é, centro e sul da Paraíba e Ceará, sudoeste do Rio-Grande-do-Norte onde aí os Gerais ou Marmeleiros não passam da primeira espécie de caatinga arbustiva (*Euforbia-Croton-Caespitosa-Caatinga*)

Efetivamente, nenhuma das conhecidas descrições dos chamados Gerais da Bahia Ocidental, tais como as de MORAIS RÊGO, JAMES WELLS, GILVANDRO SIMAS PEREIRA, etc coincide, por exemplo, com as do geógrafo baiano TEODORO SAMPAIO que percorreu, como LUETZELBURG, OTTO QUELLE e outros, a região serrana central da Bahia onde os Gerais constituem, justamente, uma zona fitogeográfica peculiar

Aí, eles revestem o aspecto de um tipo especial de carrasco, no mínimo — nas partes menos elevadas —; de campos sujos — nas altitudes pouco superiores à cota dos 900 metros, e de campos alpinos nas altitudes ainda maiores, onde são conhecidos localmente por Alto dos Gerais

Cumpre esclarecer, a propósito, que a denominação Campos-Gerais, significa, no Brasil, de maneira ampla, extensões de terrenos cobertos de ervas e gramíneas, mais ou menos uniformes, com topografia mais ou menos plana, quase sempre dispersamente habitados, porém, nunca desprovidos de árvores por inteiro

Aplicada a diversos tipos de campos, a referida denominação tem sido estendida, também, a certa classe de campos limpos, mais elevados, que constituem, por assim dizer, andares mais altos da vegetação nas zonas serranas, estando, neste caso, os campos de Minas-Gerais e os propriamente ditos Gerais da Bahia, segundo esclareceu GONZAGA DE CAMPOS

Estas últimas modalidades de campos, surgidos à maneira de manchas, porém, com vegetação uniforme, distribuem-se, não obstante, por sobre uma extensão bastante diversificada, quanto à variedade das rochas, que, sob climas diferentes, geram, por isso mesmo, solos também diferentes

Daí, a importância da altitude como possível fator explicativo da presença, em semelhantes campos, de gramíneas dos gêneros *Paspalum* e *Panicum*, bem como, de Ciperáceas e Velosiáceas, sobretudo, nos trechos mais propícios à proliferação destas últimas

A formação dos Campos-Gerais abrange precipuamente os campos paleáceos e os sub-arbustivos do sul do Brasil, com especialidade, os do Paraná, em cujo território esplendem, nos planaltos triássicos, de clima ameníssimo e situados a altitudes variáveis entre 700 e 1 000 metros

No planalto triássico do sul do Brasil, aplica-se, pois, com toda a sua justeza, a expressão Campos-Gerais como os de Guarapuava

Dentro desse sentido mais geral, quanto à extensão, tais campos recebem, segundo A. J. SAMPAIO, o seu nome regional, em virtude de um importante rio que nêles corra, da serra que os domine, ou dos selvagens que nêles vivam ou viveram, por exemplo, Campos Gerais do Rio-Branco, Campos da Mantiqueira, Campos dos Goitacases, e assim por diante

Na Bahia, o termo Gerais — simplesmente — corresponderia, sob o ponto de vista da geografia botânica, quando muito, a um tipo especialíssimo de Campos-Gerais. A denominação seria aplicada pelos baianos à curiosa região serrana central da Bahia, em virtude — conforme LUETZELBURG — da insipidez do carrasco em toda a sua extensão, tendo uma parte formada de carrasco peculiar e outra de campo propriamente dito.

Na serra das Almas, que domina a região baiana em foco, a fitofisionomia se apresenta com efeito, singularmente bem distribuída

Nas partes intermediárias da montanha, numa altitude de uns 700 metros, com temperatura de cerca de 7 graus centígrados, à noite, a flora geral do carrasco — dominante em derredor da base — toma o caráter de flora francamente das montanhas: apenas arbustos curtos e rasteiros, com formação de campo coberto de relva e inúmeros mataçais de Velosiáceas, coisa que não sucede nos afamados Campos-Gerais do Paraná ou em qualquer outro tipo dessas formações campestres

Após ter feito a ascensão da referida serra, PHILIPP VON LUETZELBURG deu-nos uma síntese segura do que nela observou: "A parte média da montanha é um planalto generalizado, com vegetação de Velosiáceas e poucas Cactáceas. A parte intermediária que conduz ao cume forma uma ladeira íngreme, tapetada de relva. A partir da parte média já não existiam mais arbustos, de modo que nas noites frias, ao relento, só conseguimos fazer fogo com as Velósias, o único combustível existente"

Por outro lado, TEODORO SAMPAIO, que conheceu como poucos, todos os cantos e recantos de sua terra, assim nos descreveu os Gerais em seu livro Estado da Bahia — Agricultura, Criação de Gado, Indústria e Comércio, 1925: "Os Gerais em cima da serra são campos sujos, onde cresce e se multiplica a palmeira anã entre gramíneas altas; campos mais frescos do que as caatingas, mais regados, com horizonte largo que as serranias fecham ao longe. Doce é a temperatura no verão, fria as mais das vezes no inverno"

Ao viajar de Minas do Rio-de-Contas para Santa-Isabel do Paraçuçu, depois de haver vencido a serra do Cocal pela ladeira do Giquí ao Campeste, acentou, mais uma vez, o referido geógrafo, a paisagem deparada do Alto dos Gerais: "O horizonte apresenta-se-lhe amplo e de um encanto indescrevível. Os Campos-Gerais em derredor, vestidos de uma grama rasteira, onde crescem pinheiros minúsculos, estendem-se por uma alta planície que só tem limites nas montanhas longínquas, cujas cumeadas se desenhavam nítidas num céu azul abundantemente iluminado" (Vêde O rio São Francisco e a chapada Diamantina)

Os Gerais da Bahia, na interpretação, como se disse, anteriormente, de PHILIPP VON LUETZELBURG, seriam um carrasco peculiar do alto rio de Contas. Caracterizam-se por um facies — botânica e fitogeográfica — curioso e apenas existente dentro da zona cujos limites foram também já apontados

Trata-se, segundo o cientista tedesco, de um carrasco do tipo *Velozia-Lichnofora* cobrindo trechos regionais com uma flora totalmente diversa das encontradas em outras zonas ou regiões da Bahia

Nos trechos pedregosos, mais secos, da zona do alto rio de Contas, aparece uma flora de Velósias, as quais, em certos lugares, chegam a formar uma vegetação especial composta de 95% dessas Lílias arborescentes tendo de dois a três metros de altura e cerca de 40 centímetros de circunferência "Sómente à força — esclareceu LUTZELBURG — se conseguiu passagem através dessas vegetações densas e uniformes. Em outras regiões deparei com quadro oposto: bosque densíssimo, constituído de uma mistura de diversas espécies de género *Lichnofora*, junto às *Melastomáceas* e *Velósias* de folhagem dura, densamente sobrepostas. Essas *Lichnoforas* davam à paisagem um carácter singular, lembrando pequenos pinheiros com folhas delgadas e enroladas como acontece com os pinheiros do Paraná"

Nesta singular região foram reconhecidas cinco espécies novas do género *Lichnofora* e nela aparecem poucos representantes da flora geral do carrasco

Foi, também, observada, com particularidade, a ausência de *Cactáceas*, sobretudo, do género *Cereus*, ao passo que se viram, em maior abundância, as *Eriocauláceas*, as *Asclepiadáceas*, as *Euforbiáceas* e *Compositas*

Dentro do conhecimento científico actual da fitogeografia da região com o interior da Bahia, a linha *Serrinha-Lagarto-Capela-Propriá* — em rumo do mar — constitui o limite da região do agreste. A referida linha, por sua vez, separa o agreste da região da caatinga. Esta se estende daquela linha, em direcção oeste, quase sem interrupção, até bem depois do rio São-Francisco, ligando-se com os imprópriamente chamados Gerais do oeste de Pernambuco, do norte da Bahia e do sul do Piauí

No que tange ao interior propriamente dito da Bahia, ou seja, a zona do alto rio de Contas, *Brumado* e *Paraguagu* — zona serrana central — o que prevalece é, então, aquela flora ainda quase sem análise, sob o ponto de vista das espécies e de sua composição "Esta curiosa vegetação, — escreveu quem a estudou mais completamente, isto é, LUTZELBURG, — tem um pouco de semelhança com a flora das campinas do leste de Goiás, mas, jamais poderá ser a ela igualada ou comparada. Esta flora tão estranha, e que se acha encavada entre as serras, pertencente ao carrasco, contudo, não constitui por si uma facies (sic) do carrasco propriamente, não oferece o tipo característico do carrasco; é completamente isolado e não tem ligação directa com a flora do leste de Goiás, mesmo porque a caatinga que circunda ininterruptamente o carrasco, não admite uma ponte intermediária entre Bahia e Goiás, para unir as duas vegetações tão immanadas. Muitas tão espessas de *Velósias* como encontramos, a parte, no carrasco das cabeceiras do rio de Contas, nem em Goiás se pode constatar. Fazem parte muitas espécies do género *Lichnofora*, que constituem as raízes do carrasco de Minas do rio de Contas. *Eriocauláceas* que ali existem tão profusamente e os *Melastomáceas* de folhagem dura e coriácea, formam um quadro típico do carrasco da Bahia Central no rio de Contas"

No estado actual dos conhecimentos, tal tipo de carrasco peculiar do rio de Contas só existe entre as cidades de Minas do Rio-de-Contas, Andaraí, Lençóis, Carrapatos e Água-Quente

No sentido económico, os Gerais da Bahia Central, além de abrigarem regularmente manadas de gado bovino, representam áreas de grandes possibilidades que, lentamente, vão entrando em maior exploração

O tucum, por exemplo, palmeira que cobre os Gerais, atingindo a altura média de meio metro, ainda não foi convenientemente aproveitado, mas sê-lo-á, sem dúvida, logo que venha a se povoar mais densamente a referida região interior. O pequizeiro, nativo dos altos campos Gerais, além de fornecer um fruto nutritivo e excelente, constitui valioso recurso para a população pobre, sobretudo, nas épocas de sua produção, janeiro a março. Seu aproveitamento económico tem sido feito para fins farmacêuticos — *Emulsão de Pequi* — e hoje já se realiza com certa envergadura

Dos altos campos de cima da serra, ou seja, dos Gerais, descem, com efeito, quase todos os rios da região, de sorte que nêles não faltam aguadas permanentes. A criação de gado será, pois, no futuro, ainda maior, principalmente quando se intensificarem os meios de transporte. Por seu turno, as várzeas existentes nas zonas mais baixas, com suas veredas cobertas de capim vistoso e nutritivo, constituem, como constituíram, outrora, uma garantia para o florescimento e permanência de fazendas, com especialidade, a N-NW, N-NE, E-NE e S-SE, de Caetité, nos Gerais dos Veados, da Cachoeirinha, de São-João, de Iapera, etc. Já em 1879, TEODORO SAMPAIO, chamava a atenção para a importância da região ao norte de Caetité: "o efeito de um trabalho mais intenso e perdurável e mais bem remunerado, manifesta-se logo por esse ar de prosperidade que se divisa por toda parte nas cidades e nos povoados. As fazendas aqui apresentam tal progresso nas respectivas instalações que denotam bons hábitos agrícolas e bem estar",

Ainda hoje, a agricultura é a principal forma de actividade da região, conforme se lê num trabalho escrito para a Universidade do Ar pela professora D HELENA LIMA SANTOS

Nos chamados Gerais da Bahia ocidental, os campos — agrestes — são aproveitados para refrigério, pelos criadores da zona das caatingas, em derredor, isto é, para a salvação do gado, nas épocas de seca

Aí — segundo o relatório do engenheiro GILVANDRO SIMAS PEREIRA e a comunicação do professor PEDRO GEIGER, que lá estiveram — vivem os generalistas, isto é, os habitantes dos Gerais, morando em casas simples feitas de buritis, tirando, assim, o melhor partido de uma zona de arenito, porém, servida de água suficiente para alimentar extensos buritizais. A vida é paupérrima e quase todos vivem da caça e alguns da extração do látex da mangabeira

Estes simples indícios demonstram, já, a diferença de fato existente entre os imprópriamente chamados Gerais da Bahia ocidental e os Gerais típicos da sua região serrana central, onde a composição geológica, a altitude, o clima e a natureza da vegetação divergem ao primeiro golpe de vista lançado por um observador experiente

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA